

8º Congresso destaca importância da indústria na economia

Fotos: Danilo Quadros



"Queremos construir uma agenda que permita adequada comparabilidade entre as opções de investimento", disse a presidente, Denise Pavarina, na abertura do evento

O papel da indústria de fundos para o desenvolvimento econômico do Brasil deu o tom às discussões do 8º Congresso ANBIMA de Fundos de Investimento, que reuniu 1.140 participantes nos dias 19 e 20 de maio, em São Paulo.

Para que o segmento atue e se consolide como um instrumento essencial para o crescimento do país é preciso reunir esforços e endereçar algumas premissas. Simplificação, simetria entre os produtos, tributação e estabilidade das regras encabeçam a lista de proposições. "Essas premissas devem nos ajudar a construir uma agenda que mire uma matriz de investimento de longo prazo e que nos ajude a readequar o trinômio risco, retorno e liquidez no mercado brasileiro", disse Denise Pavarina, presidente da ANBIMA, na cerimônia de abertura. A presidente destacou o tamanho da indústria, que atualmente gere ativos no valor de R\$ 2,5 trilhões, e deu mais

detalhes sobre a agenda da ANBIMA para o desenvolvimento do setor. "Nós queremos construir uma agenda que permita a adequada comparabilidade entre as opções de investimento", disse.

Leonardo Pereira, presidente da CVM, que abriu o segundo dia de debates, destacou o papel da indústria na captação de poupança e na viabilização de novos investimentos. "Temos a maior indústria de fundos entre os países emergentes, mas há espaço para evoluir", disse, destacando que a palavra-chave é credibilidade. Um dos caminhos para adquiri-la é por meio da consolidação de uma política de educação financeira. "Uma política eficiente, aliada às vantagens dos fundos, tende a pavimentar o desenvolvimento da indústria", afirmou. Na regulação, ele citou as exigências de suitability. Para Pereira, a transformação desses procedimentos em regras aumentará

a proteção dos investidores. "É uma ferramenta muito poderosa e seu bom funcionamento criará uma base de clientes mais leal e investidores a longo prazo", disse.

Mensagem de Levy traz otimismo

Ao longo do evento, foram discutidos esses e outros temas do futuro da indústria como, por exemplo, o aprimoramento na comunicação com os clientes e quais os cenários e as estratégias ideais no médio e no longo prazo. As palestras paralelas deram espaço para debates mais técnicos. O crescimento significativo dos FIDCs (Fundos de Investimento em Direitos Creditórios) e a regulação internacional e seus impactos no Brasil foram alguns dos temas.

Uma mensagem em vídeo do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, marcou o encerramento do evento. Ele reforçou a preocupação do governo com o ajuste fiscal e o desenvolvimento de instrumentos que contribuam para o financiamento de longo prazo. "Estamos trabalhando na agenda de ajuste fiscal como forma de retomar o crescimento, como também no alinhamento da tributação dos instrumentos de poupança. Essa é uma agenda importante para que as escolhas por esses instrumentos se deem mais por uma adequação do perfil de risco, de retorno e de objetivo do que por vantagens fiscais", afirmou. ■



Agenda da indústria de fundos

Todos os debatedores do painel foram unânimes em apontar a falta de isonomia tributária como um dos entraves do segmento. Desde antes da crise de 2013, os ativos isentos, como LCIs (Letras de Crédito Imobiliário) e LCAs (Letras de Crédito do Agronegócio), tiveram uma explosão na captação e parte dos recursos da indústria foi direcionada para estes ativos. “Precisamos resolver o problema da isonomia para o crescimento uniforme dos ativos”, disse Luciane Ribeiro, diretora da ANBIMA. Para Carlos Ambrósio, vice-presidente da Associação, quando esses instrumentos, que distorcem o mercado, forem ajustados, a indústria tende ao reequilíbrio.

Gustavo Murgel, vice-presidente da ANBIMA, chamou atenção para os pontos positivos da indústria e destacou a transparência do modelo brasileiro. Murgel ressaltou que isso pode ser comprovado pelas diversas crises que o mercado passou e pelos poucos problemas acarretados ao segmento.

Na primeira foto: Carlos Ambrósio (ANBIMA e Claritas) e Carlos Massaru (ANBIMA e BB DTVM)

Na segunda foto: Luciane Ribeiro (ANBIMA e Santander Asset), Robert van Dijk (ANBIMA e Banco Votorantim) e Gustavo Murgel (ANBIMA e Itaú-Unibanco)

Cenários internacionais

Planejar a expansão da carteira de ativos no exterior pode ser uma boa estratégia para os investidores brasileiros diante do atual cenário desafiador, segundo os participantes da plenária “Gestão: cenários e estratégias de médio e longo prazo”.

“Os emergentes têm um teste muito difícil para os próximos anos. Eu olharia para os outros mercados neste momento. Estar ativado em dólar parece fazer muito sentido”, avaliou Reinaldo Le Grazie, da Bradesco Asset.

Artur Wichmann (Verde Asset), Bruno Rudge (Dynamo) e Reinaldo Le Grazie (ANBIMA e Bradesco Asset)



Segurança jurídica

Garantia jurídica como elemento essencial para estimular o empreendedorismo e, portanto, o desenvolvimento econômico do país, foi o ponto central da palestra do ex-ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), Joaquim Barbosa. Ele chamou a atenção para a dificuldade de o empreendedor prever cenários, entrave que desestimula o investimento. O ex-presidente do STF defendeu o fortalecimento das entidades políticas para que elas sejam pouco suscetíveis ao patrimonialismo. Ele também teceu críticas ao sistema tributário brasileiro, considerado como um “problema estrutural”, “complexo” e “injusto” tanto para empresas como para pessoas físicas.



Barbosa falou sobre o funcionamento das instituições brasileiras e a ética nos negócios



Da esquerda para a direita: José Luiz Tavares (Nexial Marketing Group), Fabio Pando (Horizon Consulting), Aquiles Mosca (ANBIMA e Santander Asset) e Annamaria Lusardi (George Washington University)

Pesquisa com gerentes e investidores

A constatação de que é preciso aproximar os gerentes da expectativa que os clientes têm em relação a estes profissionais permeou painel sobre capital humano e geração de valor. Aquiles Mosca, presidente do Comitê de Educação de Investidores, apresentou pesquisa da ANBIMA que mostra a percepção de gerentes e de investidores: em uma escala de 1 a 10, quando o assunto é investimento, os gerentes receberam nota 8 dos clientes.

Já a nota que eles atribuem a si próprios quando perguntados se prestam um bom atendimento foi 8,94. Annamaria Lusardi, da George Washington University, destacou o fato de o cliente buscar cada vez mais aconselhamento, mas não só para investir. “Vejo com bons olhos o surgimento das finanças pessoais. Hoje, todos precisam saber ler e escrever em finanças”, disse.

Big Data

As startups são hoje a grande preocupação das instituições financeiras quando o assunto é gestão de investimentos. Likhit Wagle, líder global da indústria de serviços financeiros da IBM Global Business Services, propôs a utilização da computação cognitiva para analisar a imensa quantidade de informações disponíveis ao mercado financeiro. Ele lembrou que o ritmo de crescimento dos chamados robot advisors – ou consultores robôs, ferramentas que fazem sugestões de alocação ou até mesmo administram carteiras de modo automatizado – assusta os bancos.

O que o setor de tecnologia da informação chama de big data é a solução apontada por Wagle para que os bancos entendam seus clientes como indivíduos, criem serviços personalizados e atendam às demandas que mudam muito rapidamente. “Hoje, temos uma quantidade de informação muito grande, que chega e muda rapidamente e é muito incerta, exigindo análise para que seja adequadamente utilizada”, explicou.



Likhit Wagle, da IBM, falou sobre o big data e as oportunidades no futuro para entender e atender o investidor



Na primeira foto: Carla Mayumi, da BOX1824, e Reinaldo Pamponet, da ItsNOON, falaram sobre as tendências da tecnologia e da economia colaborativa

Na segunda foto: Carlos Massaru, da ANBIMA e da BB DTVM, Alberto Almeida, do Instituto Análise, e Hugo Penteado, da Santander Asset, trouxeram temas que afetarão os mercados no futuro nas áreas política, econômica e social

Reflexões sobre o futuro

Palestras de menos de 20 minutos no formato do famoso TED (Tecnologia, Entretenimento, Design) foram uma novidade na programação do evento. Os quatro palestrantes – moderados por Carlos Massaru, da ANBIMA e da BB DTVM – propuseram reflexões sobre temas que afetarão as sociedades e os mercados no futuro nas áreas política, econômica e social.

Carla Mayumi, da Box1824 – agência de pesquisa em tendências de consumo –, destacou que a tecnologia será indispensável para todas as indústrias. Segundo ela, estamos numa era em que os humanos se tornam mais tecnológicos e as máquinas, mais humanas.

Já Hugo Penteado, da Santander Asset, falou sobre a importância crescente da responsabilidade ambiental para o cotidiano e a valorização das empresas. “Não há salvação financeira empresarial sem salvação ambiental e não há salvação ambiental sem salvação social”, afirmou.

O crescimento da economia colaborativa e seus impactos na hora de fazer negócios foi tema da palestra da Reinaldo Pamponet, da itsNOON – plataforma online que promove chamadas criativas. Enquanto isso, Alberto Almeida, do Instituto Análise, falou sobre as transformações que a sociedade brasileira passará após sentir totalmente os efeitos da crise das instituições políticas pela qual está passando.



Leonardo Pereira, presidente da CVM, abriu o segundo dia de debates ressaltando a nova regulação da indústria de fundos



Da esquerda para a direita: os membros da Diretoria e da superintendência da ANBIMA Gustavo Murgel (Itaú-Unibanco), Denise Pavarina (Bradesco), José Carlos Doherty, Robert van Dijk (Banco Votorantim), Luciane Ribeiro (Santander Asset), Carlos Massaru (BB DTVM) e Carlos Ambrósio (Claritas) com Joaquim Barbosa, ex-ministro do STF (Supremo Tribunal Federal)



Durante o evento, os vencedores do 10º Prêmio ANBIMA de Mercado de Capitais, na categoria mestrado e doutorado, receberam seus troféus das mãos de Luiz Chrysostomo, (ANBIMA e Neo Gestão de Recursos)



Ricardo Mizukawa (ANBIMA e Bradesco Asset) falou em paralela sobre a tendência de crescimento dos FIDCs e apresentou o livro "Produtos de Captação: Fundo de Investimento em Direitos Creditórios"



As diferenças entre os FIPs para residentes e não residentes foram debatidas por Cesar Collier (Siguler Guff & Company), Guilherme Cooke (Vellozo & Giroto Advogados), Leonardo Camozzato (Itajubá) e Amaury Junior (Vision Brazil)



Mais de 1.100 pessoas participaram dos dois dias de evento em São Paulo



Otávio Yazbek falou sobre a transformação da infraestrutura do mercado de capitais



José Carlos Doherty (ANBIMA), Denise Pavarina (ANBIMA e Bradesco) e Carlos Massaru (ANBIMA e BB DTVM)



João Albino Winkelmann (ANBIMA e Bradesco), Celso Scaramuzza (ANBIMA e Bozano), Sylvio Fleury (ANBIMA e Ativa Corretora), Francisco Bastos (CVM), Luiz Sorge (ANBIMA e BNP Paribas), Marcelo Giufrida (Garde) e José Carlos Doherty (ANBIMA)



Participantes da paralela que discutiu a evolução na regulação das entidades de previdência. Da esquerda para a direita: Denis Barreira (Susep), Claudio Sanches (FenaPrevi), Luiz Sorge (ANBIMA e BNP Paribas), Maurício Wanderley (Abrapp) e Maurício Nakata (Previc)



As perspectivas do mercado de ETFs foram debatidas por Deborah Fuhr (empresa de consultoria e pesquisa ETFGI), Alenir Romanello (ANBIMA e Caixa), Bruno Stein (BlackRock) e Claudio Jacob (BM&FBovespa)



Debatedores da paralela sobre fundos imobiliários: Valdery Albuquerque (Fator Administração de Recursos), Reinaldo Lacerda (ANBIMA e Votorantim Asset), Francisco Augustinis (Funcesp), Rodrigo Abbud (VBI Real Estate) e Rafael Zlot (Brasil Plural)



Carlos Ambrósio (ANBIMA e Claritas), Carlos André (ANBIMA e BB DTVM), Eduardo Steffens Vidal (Cuprum AFP), Jorge Simino (Funcesp) e Vital de Menezes (Associação e do Banco J.P. Morgan)

Investimentos no exterior

O Brasil é um dos países com menor diversificação na gestão de ativos e uma das mais baixas participações de investimento estrangeiro. Vital de Menezes Junior (ANBIMA e Banco J.P. Morgan) destacou que, enquanto os gestores brasileiros investem perto de 10% dos recursos no exterior, o percentual chega a 20% no México e a 42% na Colômbia. “Estamos bem distantes em relação a investimentos offshore quando olhamos para nossos vizinhos”, explicou.

No Chile, por exemplo, os fundos de pensão já são bastante diversificados em termos de investimentos, conforme explicou Eduardo Alfredo Steffens Vidal, diretor de investimentos da Cuprum AFP. O executivo apresentou dados mostrando o longo processo de regulamentação dos investimentos em fundos naquele país. “Todo o processo foi muito importante para que os fundos de pensão chilenos, que têm gestão privada, diversificassem seus investimentos”, comentou. Hoje, os fundos chilenos investem 44% em renda fixa local, 31% em renda variável estrangeira, 14% em renda fixa estrangeira, 10% em renda variável doméstica e o restante em outros ativos. Na renda variável estrangeira, a Ásia é a região que recebe a maior parte dos recursos, com 17% do total, seguida pela América, com 11%. “A diversificação ajudou a melhorar a rentabilidade, num processo paulatino, mas importante para busca de retorno”, comentou Vidal.

Regulação internacional

A nova consulta da Iosco (Organização Internacional das Comissões de Valores Mobiliários) e do FSB (Conselho de Estabilidade Financeira), que tenta medir o risco sistêmico potencial da indústria de fundos, foi tema de palestra sobre regulação. Na ocasião, a ANBIMA preparava a manifestação a ser enviada à consulta – que terminou em 29 de maio. “Nossa contribuição mostra o quanto a indústria evoluiu no Brasil e quais os níveis de regulação e de controle aplicados aqui”, disse José Carlos Doherty, superintendente-geral da ANBIMA.

Esta é a segunda vez que a Iosco e o FSB abrem consulta sobre o tema. A primeira recebeu inúmeras críticas, especialmente pelo enfoque no tamanho dos fundos, em detrimento a outros indicadores, como alavancagem. Nesta segunda consulta, o destaque é o desenvolvimento de uma abordagem distinta para fundos e gestores. “Desta vez, a abordagem inclui hipóteses construídas em cima do valor da alavancagem do fundo, das assets, incluindo dados do balanço da própria gestora, se tem derivativo de balcão na estrutura, além da atuação em várias jurisdições”, explicou Francisco Bastos, superintendente de Relações com os Investidores da CVM, afirmando ainda que é correta a atual metodologia de consulta que separa fundos e gestores.



José Carlos Doherty falou sobre a contribuição da ANBIMA para consulta pública da Iosco, que tratou do risco sistêmico da indústria de fundos

INFORMATIVO ANBIMA

Publicação da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais dirigida a seus associados

REDAÇÃO: Paula Diniz | Edição: Marineide Marques
PROJETO GRÁFICO: Carlos A. Valério Jr.
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL: Marcelo Billi

RIO DE JANEIRO: Avenida República do Chile, 230
13º andar CEP 20031-170 + 21 3814 3800

SÃO PAULO: Av. das Nações Unidas, 8501 21º andar
CEP 05425-070 + 11 3471 4200

PRESIDENTE: Denise Pavarina

VICE-PRESIDENTES: Carlos Eduardo Andreoni Ambrósio, Carlos Massaru Takahashi, Gustavo Adolfo Funcia Murgel, José Olympio da Veiga Pereira, Pedro Lorenzini, Robert J. van Dijk, Sérgio Cutolo dos Santos e Valdecyr Gomes

DIRETORES: Alenir de Oliveira Romanello, Altamir Batista Mateus da Silva, Carlos Augusto Salomonde, Carolina Lacerda, Celso Scaramuzza, Jair Ribeiro da Silva Neto, Luciane Ribeiro, Luiz Sorge, Luiz Fernando Figueiredo, Otávio Romagnolli Mendes, Richard Ziliotto, Saša Markus, Sylvio Araújo Fleury e Vital Meira de Menezes Junior

COMITÊ EXECUTIVO: José Carlos Doherty, André Mello, Ana Claudia Leoni, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Valéria Arêas Coelho, Marcelo Billi, Soraya Alves e Eliana Marino

www.anbima.com.br